



O TEXTO COLETIVO: PRODUÇÃO DE CORDÉIS COM OS ESTUDANTES DO CIEJA

Cláudia Oliveira Figueiredo¹

RESUMO

O objetivo deste artigo é demonstrar uma prática de elaboração coletiva de cordéis no contexto da educação de jovens e adultos e sua contribuição no processo de letramento e valorização da cultura nordestina e de identidade dos estudantes. Para tanto, o artigo apresenta uma breve definição da Literatura de cordel em Portugal e a Literatura de folheto no Nordeste brasileiro, bem como uma comparação entre essas duas literaturas. O artigo apresenta também uma breve definição do conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal de Vygotsky e por último a descrição da prática de produção dos textos.

Palavras-chave: Produção de texto coletivo, zona de desenvolvimento proximal, literatura de cordel, literatura de folheto

INTRODUÇÃO

O texto coletivo é uma estratégia pedagógica que se mostra altamente benéfica para o aprimoramento do processo de aprendizado dos estudantes. Por meio da colaboração e compartilhamento de saberes, experiências e vivências, potencializamos o ato de aprender, transformando-o em um ciclo contínuo de dar e receber conhecimento. Além disso, esse método é lúdico e prazeroso, promovendo um ambiente favorável ao engajamento dos alunos.

Ao adotar o trabalho colaborativo, alinhamos a prática educativa com a concepção de “Zona de Desenvolvimento Proximal” de Vygotsky (1984). Isso implica em reconhecer que o aprendizado ocorre de forma mais efetiva quando os estudantes são desafiados a desenvolver habilidades e competências que estão além do que já dominam, mas que podem alcançar com o auxílio e apoio de colegas e professores. A produção coletiva de texto permite partir das vivências e conhecimentos prévios dos estudantes e conduzi-los a um aprendizado sólido, que desenvolva a habilidade de produzir textos de forma independente no futuro.

¹ Professora de Língua Inglesa do Ensino Fundamental II e Médio, Professora de Atendimento Educacional Especializado (PAEE)

A temática da Literatura de Cordel é particularmente relevante no contexto do CIEJA (Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos), uma vez que uma parcela significativa dos estudantes é proveniente da região Nordeste do país. Dessa forma, esse tema adquire grande importância e significado para esses alunos, despertando um genuíno interesse e engajamento. Ao explorar a Literatura de Cordel e a cultura nordestina é possível estabelecer conexões com suas memórias familiares e suas origens, permitindo que expressem com propriedade e orgulho os elementos culturais que conhecem tão bem.

A combinação desses dois conceitos - trabalho coletivo e abordagem de um tema relevante - representa uma prática pedagógica poderosa para o desenvolvimento das habilidades de escrita e leitura dos estudantes. O compartilhamento de ideias e a colaboração enriquecem o processo de aprendizagem, permitindo a troca de perspectivas e a construção coletiva do conhecimento. Ao abordar a Literatura de Cordel e a cultura nordestina, estamos valorizando e enaltecendo as origens e a história desses estudantes no contexto nacional, estimulando a apreciação de suas raízes culturais e identidade, fortalecendo a autoestima cultural e a conexão com as tradições de sua região de origem.

O CORDEL PORTUGUÊS E OS FOLHETOS NORDESTINOS

O cordel português é uma literatura de difícil definição, pois ela não se enquadra em um único gênero textual. Nem mesmo a forma como era apresentada ou comercializada se restringe apenas a ela. Tampouco podemos categorizá-la como uma literatura popular, visto que os consumidores e autores dessa literatura não pertenciam exclusivamente às camadas populares. Segundo Márcia Abreu “Não se trata, portanto, de uma modalidade literária, de um gênero literário, e sim de um gênero editorial” (ABREU, 1999, PG. 25), pois o que define com mais precisão essa literatura é a forma editorial que proporcionou a divulgação e o acesso de textos, antes restritos à elite, a amplos setores da população. Isso se deu graças à configuração do padrão editorial: brochuras, papel barato, apresentação em feiras, em barracas, pendurados em varais – daí o nome “cordel” -, poucas páginas, os baixos preços dos livretos, textos linguisticamente mais acessíveis a um público não acostumado aos textos elitizados.

A Literatura de Cordel em Portugal teve seu surgimento com as peças teatrais de Gil Vicente, tornando-se especialmente representativa por meio das obras do autor Baltasar Dias, pertencente à escola vicentina. Notável é o fato de que em um contexto histórico em que a taxa de alfabetização era reduzida, o poeta Baltasar Dias, mesmo cego, produziu uma abundante quantidade de obras literárias, que lhe possibilitaram o sustento. Tal fenômeno denota a ressonância dos cordéis lusitanos com as características inerentes aos textos orais. Ao longo dos séculos seguintes, a produção de folhetos ampliou-se, abarcando uma diversidade de temáticas e formas literárias.

“Produziam-se textos sobre todo e qualquer assunto: desde relatos sobre acontecimentos sociais – casamentos, aniversários, mortes – até glosas a provérbios, passando pela descrição de cidades, narrativas históricas ou religiosas.” (ABREU, 1999, PG.41)

Eram textos de diversos gêneros, em prosa e verso e adaptações e traduções de textos famosos. Esses cordéis eram destinados a um público de perfis sociais diferentes e diversificados.

Alguns desses muitos cordéis cruzaram o oceano e vieram para o Brasil. Nessa época, entre os anos de 1769 e 1826, requisições manuscritas tinham que ser enviadas à Mesa Censora que era composta por um inquisidor, um vigário e cinco homens letrados para que esses avaliassem e aprovassem ou não a remessa de livros para o Brasil. Segundo Márcia Abreu (1999), dentre os 2600 pedidos de remessa nesse período, 250 eram título de cordéis.

Todos esses títulos tinham algumas semelhanças em suas narrativas: tratavam de histórias sobre a disputa entre o bem e o mal e histórias sobre a nobreza (deixando de fora pessoas comuns, os pobres, os súditos). A temática nunca era a política, a economia, o cotidiano do povo comum ou questões sociais.

“Os cordéis lusitanos enviados ao Brasil, dizem a seus leitores que não há por que se preocupar com questões políticas, econômicas ou sociais, já que a preocupação central deve ser a busca do Bem.” (ABREU, 1999, PG. 69)

No contexto brasileiro, ao contrário da Literatura de Cordel em Portugal, a Literatura de folhetos assume uma forma claramente delineada, com suas características se tornando mais definidas a partir do final do século XIX e início do século XX.

Em todo o território nacional, a tradição da cultura oral se manifesta de maneira expressiva, e no Nordeste esse fato não era diferente. Foram preservados registros de cantorias do século XIX: trechos de poemas cantados que foram mantidos na memória e transmitidos oralmente, relatos de pejeas, disputas e desafios de rimas. Todas essas práticas contribuíram para moldar a Literatura de folheto no Nordeste, caracterizando-a por sua marcante oralidade.

Nesse contexto, Agostino Nunes da Costa (1797-1858) é considerado o pioneiro dessa tradição nordestina de cantorias e disputas em versos. Sua influência e legado foram fundamentais para o desenvolvimento dessa forma artística, e é notável que diversos poetas proeminentes do século XIX surgiram da Paraíba, região onde Agostino Nunes da Costa viveu e contribuiu de forma significativa para o florescimento dessa rica manifestação cultural.

No contexto da formação da Literatura de folheto no Nordeste brasileiro, identificam-se notáveis distinções em relação à Literatura de Cordel portuguesa. As disparidades manifestam-se tanto no âmbito da atividade dos autores como nas características sociais e culturais que permeiam ambas as expressões literárias.

Enquanto na Literatura de Cordel portuguesa predominava a prática de adaptação ou tradução de textos famosos, no cenário nordestino, a produção autoral de versos constituía a fonte de subsistência para os poetas. Esses autores viviam da composição e comercialização de seus folhetos, diferenciando-se, assim, do contexto português.

Além disso, na esfera social, tanto os autores quanto os consumidores dos folhetos no Nordeste brasileiro pertenciam às camadas mais desfavorecidas da população. Em contrapartida, em Portugal, os cordéis eram produzidos e consumidos por indivíduos de diversas classes sociais.

No que tange à composição e transmissão dos textos, a oralidade desempenhava um papel preponderante na Literatura de folheto nordestina, conferindo-lhe uma notável marca distintiva. Em contraste, a Literatura de Cordel portuguesa, embora apresentasse uma certa aproximação com características orais, derivava predominantemente da cultura escrita.

Além disso, os temas abordados também refletiam diferenças significativas. Enquanto a Literatura de folheto no Nordeste frequentemente versava sobre o cotidiano do povo, a Literatura de Cordel portuguesa centrava-se em narrativas que envolviam nobres e cavaleiros, remetendo a contextos aristocráticos.

Por fim, a questão da propriedade intelectual também se distinguia entre os contextos culturais. No Nordeste brasileiro, os autores detinham a propriedade sobre seus folhetos, podendo comercializá-los como produto de seu trabalho. Em contrapartida, em Portugal, os cordéis eram considerados de domínio público.

Esses aspectos apontam para uma diversidade entre a Literatura de folheto nordestina e a Literatura de Cordel portuguesa, revelando como essas manifestações artísticas se desenvolveram de maneira singular em seus respectivos contextos históricos e culturais.

No final dos anos oitocentos, parte dos versos aqui no Brasil, foram tomando formas impressas, mas mantendo as marcas da oralidade. Leandro Gomes de Barros (1865-1918) foi o responsável pelo início da impressão sistemática.

A maioria dos autores dos folhetos eram nascidos nas zonas rurais, com pouca ou nenhuma educação formal, alguns deles eram autodidatas. Alguns nomes destacaram-se na história da literatura de folheto. Os primeiros autores proeminentes: Chagas Batista, João Martins Athayde, Leandro Gomes de Sá.

A venda dos folhetos era feita de diversas formas: em livrarias, de porta em porta, pelo correio, em feiras. Costumava-se fazer a leitura de um trecho, despertando assim a curiosidade do leitor em saber o restante da história.

Se há uma característica marcante que se assemelha nas duas culturas, é que tanto em Portugal quanto no Brasil, o que fez a Literatura de Cordel ou a Literatura de folheto se tornar tão popular e acessível, foi o padrão editorial: publicação de baixo custo – brochuras, papel barato, livretos com poucas páginas – e a linguagem de fácil compreensão. Aqui no Brasil, por ser acessível e popular, muitas vezes essa literatura foi ignorada pela elite. Mas com certeza é uma literatura que representa o Nordeste e seu povo e feita por artistas muito talentosos.

Características marcantes da Literatura de Cordel/folheto aqui no Brasil:

- Oralidade;
- Linguagem informal;
- Folhetos produzidos com 8, 16, 24 ou 32 folhas;
- Texto em versos e rimas (sextilhas ou septilhas);
- Temas variados e regionais;
- Humor, sarcasmo e ironia;
- Ilustrações em xilogravura.

Sobre o cordel brasileiro Rodolfo Cavalcante escreveu:

“No Brasil é diferente
O Cordel-Literatura
Tem que ser todo rimado
Com sua própria estrutura
Versificado em sextilhas
Ou senão em septilhas
Com a métrica mais pura

Neste estilo o vate escreve
Em forma de narração
Fatos, Romances, Histórias
De realismo, ficção;
Não vale Cordel em prosa,
E em décima na glosa
Se verseja no sertão.

Pode o mote ser glosado
Em sete sílabas também
Isso depende do ouvinte
O mote rimado bem,
Sem a métrica perfeita
A glosa será mal-feita
Que não agrada ninguém”

(CAVALCANTE, RODOLFO EM ABREU, 1999, PG. 107)

Principais cordelistas brasileiros

- Apolônio Alves dos Santos
- Cego Aderaldo
- Cuica de Santo Amaro
- Guaipuan Vieira
- Firmino Teixeira do Amaral
- João Ferreira de Lima
- João Martins de Athayde
- Manoel Monteiro
- Leandro Gomes de Barros
- José Alves Sobrinho
- Homero do Rego Barros

- Patativa do Assaré (Antônio Gonçalves da Silva)
- Téo Azevedo
- Gonçalo Ferreira da Silva
- João de Cristo Rei

A ZONA DE DESENVOLVIMENTO PROXIMAL DE VYGOTSKY

Para Vygotsky, o nível de desenvolvimento real é aquele no qual o indivíduo executa uma tarefa de forma independente, sem auxílio. São funções que já amadureceram no indivíduo. Nesse sentido, os conteúdos e habilidades trabalhados devem ter como ponto de partida esse nível de desenvolvimento. Entre o nível de desenvolvimento real e o nível de desenvolvimento potencial, que é o nível no qual o indivíduo só consegue realizar uma tarefa ou resolver um problema com ajuda, seja ela de um instrutor ou de um amigo mais experiente, está o que Vygotsky chama de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP).

Segundo, Vygotsky, Zona de Desenvolvimento Proximal é:

“...a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes.” (VIGOTSKY, 1984, PG. 97)

É importante salientar que o indivíduo não consegue realizar uma tarefa ou resolver um problema que esteja muito além da sua zona de desenvolvimento real. Por exemplo, um estudante não conseguiria resolver uma equação de 2º grau se antes não tivesse aprendido operações como multiplicação e divisão ou mesmo a equação de 1º grau. Nesse caso, mesmo com auxílio, ele não seria capaz de resolver o problema. Poderia copiar a resposta, mas não entenderia a lógica da solução. No entanto, partindo-se do desenvolvimento real, o trabalho pedagógico deve agir na zona que fica entre o que o estudante consegue fazer sozinho e o que ele é capaz de fazer com ajuda - pistas, exemplos, construções coletivas, imitações, dar início à resolução de um problema são exemplos dessa ajuda -. A ZDP de hoje, será a zona de desenvolvimento real de amanhã. O aprendizado deve ser direcionado a desafios que estejam ligeiramente acima do nível atual de habilidades do estudante, de modo a aproveitar a ZDP para estimular o crescimento.

O aprendizado humano requer uma natureza social. É um processo pelo qual os estudantes se envolvem na esfera intelectual daqueles ao seu redor. Um elemento fundamental do aprendizado é a criação da Zona de Desenvolvimento Proximal, onde o aprendizado estimula processos internos de desenvolvimento que se ativam quando o estudante interage com seu ambiente e com seus colegas. A interação social é essencial para desencadear o potencial de crescimento interno durante o aprendizado.

A ZONA DE DESENVOLVIMENTO PROXIMAL E A PRODUÇÃO COLETIVA DOS CORDÉIS

Foi pensando na interação social e o potencial de desenvolvimento que ela desencadeia, que foi elaborada a proposta para a produção coletiva de cordéis com os estudantes do CIEJA Francisco Hernani em São Paulo. Com a mesma importância, também foi pensada a ação pedagógica na ZDP dos estudantes das turmas envolvidas: estudantes adultos, sendo a maioria alfabetizada, alguns em processo de alfabetização e um número considerável de estudantes com deficiências.

Eram turmas muito heterogêneas, mas a maioria dos estudantes se encontrava, em termos de produção textual, no mesmo nível de desenvolvimento real. Alfabetizados, mas sem conhecimentos específicos do texto em verso – estrutura, forma e conteúdo. A maioria dos estudantes de origem nordestina, com conhecimento vago da literatura de cordel.

Os textos foram produzidos com os estudantes do módulo 4, última etapa da EJA (Educação de Jovens e Adultos), em um contexto no qual a comunidade escolar decidiu estudar o nordeste brasileiro: povos, culturas, tradições, aspectos históricos, sociais e geográficos.

Dentre a riqueza cultural nordestina, escolhemos a Literatura de Cordel para estudos e produção textual. O tema teve uma aceitação muito grande, pois quase todos os estudantes já tinham ouvido falar no cordel, mas não o conheciam bem, e sendo essa uma literatura proveniente do Nordeste, os estudantes, em sua maioria nordestinos, se sentiram representados e valorizados por meio dessa proposta.

Foram muitas etapas até chegarmos na produção dos textos: metodologias ativas para repertoriar os estudantes (visita de cordelista, aulas de rotação por estações apresentando a literatura de cordel, leitura de cordéis, trechos de filmes). Depois de todas essas etapas iniciamos os estudos da estrutura do cordel. Falamos da forma: versos, métricas, rimas e do conteúdo. Foram feitos diversos exercícios para que os estudantes identificassem as rimas e também as produzissem.

A Literatura de folheto ou como é mais conhecida, Literatura de Cordel do Brasil tem forma definida: é escrita em versos. Para trabalharmos com os estudantes, definimos que produziríamos os cordéis usando quadrilhas (estrofes com quatro versos), sextilhas (estrofes com seis versos) ou septilhas (estrofes com sete versos). Para tanto, retomamos os conceitos de versos e estrofes.

Decidimos que naquele primeiro momento não nos prenderíamos à métrica, pois esse é um tema um tanto complexo para os poetas iniciantes.

Foi explicado a eles o que são as rimas. Também nesse primeiro momento não estudamos os tipos de rimas, pois o objetivo era que eles entendessem que as rimas são produzidas pela repetição dos sons. Muitos deles confundiam as rimas com as letras iniciais das palavras e levou um tempo até todos entenderem que as rimas dizem respeito aos sons e não às letras iniciais.

Ainda com relação às rimas, foi explicado que elas podem ser: alternadas (ABAB) intercaladas (ABBA), emparelhadas (AABB) ou misturadas e as estrofes dos cordéis deveriam respeitar ao esquema que fosse adotado para cada um.

Estudada a estrutura do cordel, partimos para a escolha dos temas. Como mencionado

anteriormente, todos os estudantes naquele momento estavam estudando sobre o Nordeste. Ao estudar a Literatura de Cordel, falamos também da xilogravura que por ser mais acessível, era a técnica usada para ilustrar os cordéis inicialmente. Os estudantes tiveram aulas sobre xilogravura, e a proposta era que eles usassem essa técnica para produzir as ilustrações de seus cordéis. Por esse motivo, cada turma escolheu um tema relativo ao nordeste: O nordestino, A caatinga, Festa, Romance e Comida. Dessa forma, eles puderam produzir os cordéis e paralelamente produzir as xilogravuras.

Depois de todas essas etapas: repertório, técnica e escolha do tema, começamos a produção propriamente dita.

Como cada turma ficou com um tema, a primeira ação foi, coletivamente, fazermos nuvens de palavras. Nessa etapa os estudantes falavam palavras que remetessem ao tema da sala. Eles se divertiam muito nesse momento e também ficavam orgulhosos por poderem colaborar com o trabalho, visto que tinham propriedade e conhecimento sobre o tema. Então era mesmo uma chuva de palavras.

Após formada a nuvem de palavras, dividíamos a sala em duplas. A primeira dupla escolhia uma palavra e com essa palavra o primeiro verso era formado.

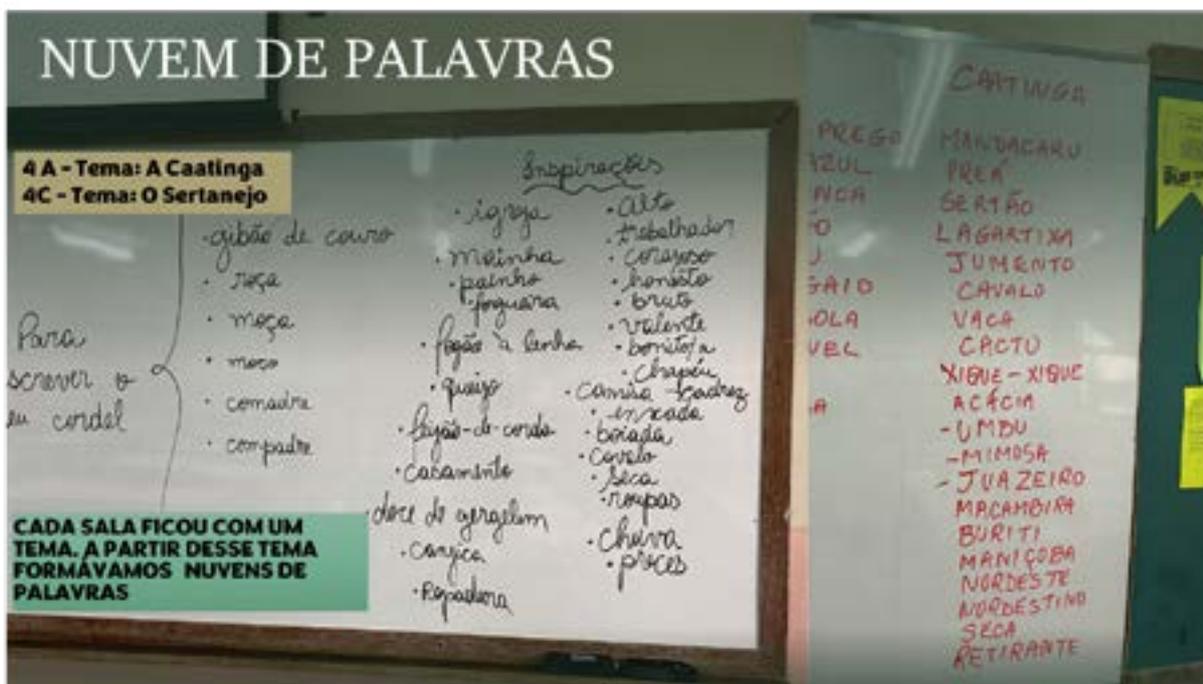
Alguns exemplos:

Módulo 4 A – tema “A caatinga”. Algumas palavras: mandacaru, preá, sertão, cavalo, vaca, umbu, seca, buriti, retirante, lagartixa, jumento, xique-xique, acácia, mimosa, juazeiro, macambira, nordeste, nordestino...

Embu
Embu, fruta da Caatinga do Sertão
Com ele se faz doce e suco dos bão
Sua árvore é bonita e frondosa
A fruta é macia e muito gostosa

Tem gente que gosta e tem gente que não
De janeiro a maio é a fruta da região
O pé fica carregado
E a fruta cai pelo chão
(Antônio Severino, turma 4 A)

Módulo 4C – tema “O nordestino. Algumas palavras: gibão de couro, roça, moça, moço, comadre, compadre, igreja, mainha, painho, fogueira, fogão à lenha, queijo, feijão-de-corda, casamento, doce de gergelim, canjica, rapadura, alto, trabalhador, corajoso, honesto, bonito, camisa xadrez, enxada, boiada, cavalo, seca, roupas, chuva, preces...



Módulo 4 A, tema A caatinga / Módulo 4 C, tema O nordestino

Autor Carlos Henrique com uma pequena ajuda da professora

“Na cintura levo o meu gibão de couro
 Duro como a pedra,
 Ruído como osso
 Na manga chamo toda a boiada
 É tão simples a minha toada
 Mostra o caminho, a tal da parada”
 (Carlos Henrique 4C, tema “O Nordeste”)

Os textos eram produzidos de forma coletiva. Muitas vezes, o processo começava na aula e terminava em casa, e os estudantes mandavam os textos por aplicativo de mensagens. Às vezes acontecia de nenhum integrante da dupla conseguir começar o verso, então outro estudante começava e a dupla então continuava.

Algumas produções foram feitas com toda a sala. Principalmente quando se tratava dos cordéis dos estudantes com deficiência. Esses estudantes costumavam falar as palavras ou o assunto sobre o qual queriam falar, mas como ainda não conseguiam formar os versos rimados, a turma toda colaborava.

Em uma das turmas havia um estudante com múltiplas deficiências: fala, locomoção e deficiência intelectual. O tema dessa turma era “Festa”. Quando começamos a produção, logo após a nuvem de palavras, ele começou a se manifestar. Queria fazer o seu cordel. A mãe desse estudante ficava aguardando o término da aula no pátio da escola e sempre que precisávamos de alguma ajuda referente à comunicação, nós a chamávamos para que ela pudesse nos ajudar. Nesse dia, tentamos entender o que ele queria dizer, mas não conseguimos.

Chamamos a mãe e ela entendeu que ele queria falar sobre a barraca do beijo. E era mesmo isso. Quando falamos “barraca de beijo”, o estudante abriu um sorriso e assentiu com a cabeça. A partir dessa informação, o restante da turma compôs as estrofes:

Barraca do beijo I

Há muita alegria
Na festa junina
Diversão e folia
Forró, fantasia

Jogos, brincadeiras,
Pipoca e fogueira
Barraca do beijo
Que aquece o desejo
(Jofre, Giulia e turma 4B)

Dessa forma foram produzidos mais de quarenta e cinco cordéis. Um livro de cordéis dos estudantes do CIEJA Francisco Hernani.

No que diz respeito à ZDP, trabalhamos nessa zona por meio da produção coletiva de textos, na qual os estudantes para produzir seus cordéis contavam com a ajuda não só da professora, mas também dos colegas. O objetivo era que posteriormente, esses estudantes pudessem escrever sozinhos os seus cordéis ou seus poemas. E para muitos estudantes isso realmente aconteceu. Aprenderam como fazia observando os colegas e a professora, imitando, terminando uma estrofe ou um verso que foi iniciado por outra pessoa, encontrando uma rima e posteriormente conseguiram fazer sozinhos os seus.

Veja um exemplo:

Produção coletiva

Não é justo, sô!

Passei o dia inteiro
Colhendo amendoim
À noitinha fui à escola
Levando na sacola
Um tiquinho de pudim

Quando cheguei de vorta
Dei de cara na porta

Comeram tudo minha paçoca
Não sobrou nada pra mim
(Natasha 4D com ajuda da turma e professora)

Produção independente

Dieta

O regime é este:
Buchada, dobradinha e curau
Mas pra você que é diabética
Tudo isso faz muito mal
Para vossa senhoria
Só pipoca e sem sal

A canjica é uma delícia
O pinhão tem muito sal
A paçoca esfarelou
Vou comer só o curau

Cansei de cozinhar
Vou pedir no aplicativo
O sabor não é o mesmo
Mas é menos cansativo
(Natasha 4D)

Às vezes não acertavam os números de versos na estrofe, mas a evolução era nítida. Pessoas que nunca haviam produzido sequer uma quadrinha estavam escrevendo poemas completos.

Há também a questão da timidez e insegurança que muitas vezes impedem os estudantes de mostrarem seus textos e principalmente suas poesias. De certa forma, o texto coletivo ajudou a eliminar essa barreira, pois os estudantes viram que podiam fazer isso juntos, compartilhar os sentimentos, construir um aprendizado, errar e acertar juntos. Quando um não conseguia, o outro ajudava, quando não sabia, o outro que sabia compartilhava, quando não tinha inspiração, recebia um empurrãozinho do amigo e assim, todos fizeram seus cordéis. Os cordéis foram feitos individualmente, em duplas ou com ajuda de toda a turma, e no final, cada um pode ter o seu livreto com cordel e xilogravura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção colaborativa é uma estratégia eficaz no processo de aprendizagem. Um dos motivos desse sucesso é porque a interação faz com que o processo se torne mais lúdico e

prazeroso. Outra razão é o fato de que os indivíduos, enquanto sociedade, se completam, compartilham conhecimento e vivências e dessa forma, aprendem uns com os outros. A interação promove a consolidação do aprendizado por meio das práticas de ajuda mútua, da imitação, da reprodução, de ensinar um ao outro. O professor aprende enquanto ensina, o amigo consolida o que aprendeu enquanto ajuda o outro. E quando o tema é de interesse dos agentes, quando é representativo para esses sujeitos, o caminho para aprendizado e o desenvolvimento se torna mais fácil.

Trabalhar com a Literatura de Cordel em um contexto no qual os estudantes em sua maioria são provenientes do Nordeste, é pensar na representatividade dessas pessoas, no fortalecimento de sua identidade, orgulho e autoestima cultural e em promover a valorização de suas raízes culturais. O conhecimento técnico e a metodologia ativa e colaborativa somados a um tema gerador tão significativo conduzem a um aprendizado eficiente, abrindo caminho para apropriação de saberes importantes para os estudantes, não só em língua portuguesa, mas em outros componentes curriculares.

Produzir poesia coletivamente, também revela talentos, muitas vezes ocultos pela timidez e insegurança.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. **Histórias de cordéis e folhetos**. Campinas: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1999

BACICH, Lilian; MORAN, José (org.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Porto Alegre: Penso, 2018

HAURÉLIO, Marco. **Literatura de Cordel: Do sertão à sala de aula**. Paulus, 2014

SÁ, João Gomes de. **Literatura de Cordel. Atividades**. São Paulo: Areia dourada, 2021

ZABALA, A. **A Prática educativa: como ensinar**. Porto alegre: Artmed, 1998

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo, Martins Fontes, 1984.